

A VIOLA BEIROA

/
CADERNO
DE
ESPECIFICAÇÕES
TÉCNICAS



FICHA TÉCNICA

Trabalho desenvolvido por

PORTUGAL
à mã 

Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses

Coordenação do estudo
Graça Ramos

Textos
Graça Ramos
Miguel Carvalhinho
Susana Vicente da Silva Dias

Acompanhamento técnico
Miguel Carvalhinho

Fotografia
Arquivo fotográfico da Associação Recreativa Cultural Viola Beiroa
Hélder Milhano
Graça Ramos

Design gráfico de logótipo e publicação
Hélder Milhano - ESART

Edição
Câmara Municipal de Castelo Branco

Maio de 2017

VIOLA BEIROA - PORTUGAL

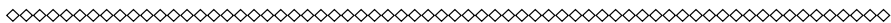
CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES PARA A CERTIFICAÇÃO

ÍNDICE

Introdução	3
1 > Nome que identifique o produto ou denominação de venda do produto e respetiva proposta de logótipo (marca de indicação geográfica)	6
2 > Enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção "Viola beiroa – Portugal", considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante	8
3 > Delimitação geográfica da área de produção	14
4 > Identificação e caracterização das matérias-primas e respetivos modos de produção (tecnologias artesanais tradicionais)	15
5 > Características do produto "Viola beiroa - Portugal"	28
6 > Condições de inovação do produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto	31
Bibliografia	32



INTRODUÇÃO



O Caderno de Especificações da viola beiroa é um documento onde se estabelecem as regras e os princípios gerais que consideramos adequados, em termos de recuperação e preservação, no processo de construção deste instrumento de raiz popular e praticamente desaparecido até há poucos anos.

Perdida no tempo, e por se tornar dispensável perante a massificação de outros instrumentos no acompanhamento musical das danças tradicionais e outros rituais de raiz popular que se foram “ajustando e acomodando” aos tempos modernos e mais mediáticos, importa assegurar, no seu processo de recuperação e preservação, os princípios e circunstâncias históricas (materiais, técnicas, forma) que estão na sua origem, evitando a descaracterização e perda de identidade da viola beiroa, tão genuína e característica desta região da Beira Baixa.

Embora não devendo ser, nunca, um documento fechado e definitivo, um Caderno de Especificações deve ser objeto de revisão sempre que as fontes históricas tragam à luz novos dados ou mesmo quando o conhecimento de novos materiais o aconselhe, por questões de qualidade sonora, estética ou outra.

Na elaboração deste Caderno de Especificações tomaram-se como referência para a caracterização da viola beiroa os exemplares ainda existentes, fontes orais e documentais, construtores de violas de arame, informação disponibilizada por músicos e investigadores.

São objetivos deste Caderno de Especificações preservar modos de fazer e os procedimentos inerentes a esses modos de fazer. Pretende-se, por um lado, repor a harmonia inicial existente na configuração da forma e qualidade sonora e, por outro lado, promover a qualificação de profissionais na área da produção e proteger os consumidores quanto à genuinidade da viola beiroa.

**1**

NOME QUE IDENTIFIQUE O PRODUTO OU DENOMINAÇÃO DE VENDA DO PRODUTO E RESPECTIVA PROPOSTA DE LOGÓTIPO (MARCA DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA)

A Câmara Municipal de Castelo Branco, entidade promotora do presente processo de certificação, vem requerer junto do IEFP, I.P. o registo da produção artesanal tradicional “Viola beiroa - Portugal” no Registo Nacional de Produções Artesanais Tradicionais Certificadas.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação, cujo logótipo será como a seguir se exemplifica (a cores, preto e branco ou negativo) e como consta de manual de identidade respetivo:

LOGÓTIPO *



* (Kit de normas gráficas em anexo)

Este pedido de registo é sustentado pelo caderno de especificações da produção artesanal “Viola beiroa – Portugal” aqui apresentado, o qual foi elaborado de acordo com o estabelecido no Decreto-Lei nº 121/2015 de 30 de Junho que cria e regulamenta o Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais, sistema este que é da responsabilidade e gestão do IEFP, I.P. (Instituto de Emprego e Formação Profissional).

Posteriormente, a entidade promotora promoverá o registo da denominação da produção sob a forma de IG – Indicação Geográfica e sob a forma de marca junto do INPI, I.P. (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).



ENQUADRAMENTO CULTURAL E HISTÓRICO- GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO “VIOLA BEIROA - PORTUGAL”, CONSIDERANDO A RESPETIVA ORIGEM E/OU O SEU VÍNCULO AO CENTRO DIFUSOR MAIS RELEVANTE

Desde as manifestações poético-musicais trovadorescas galaico-portuguesas, que os instrumentos de cordas tiveram uma projeção dominante na Península Ibérica, contribuindo para a evolução da música tanto em Espanha como em Portugal. Também no Renascimento, os cordofones tiveram aqui uma importância primordial. Enquanto o resto da Europa preferia o alaúde, na Península Ibérica imperava a vihuela, antepassada da nossa viola que deriva, possivelmente e como a guitarra, da guitarra latina trovadoresca, onde vai buscar a sua estrutura morfológica essencial.

A *vihuela* teve a sua época “dourada” durante o século XVI, sendo o instrumento das cortes ibéricas. Por ser de fácil transporte e ser tocada nas festas de salão, foi um período em que se compôs muita música para este instrumento. Nomeadamente, um livro de composições para *vihuela* do compositor Luís Milan, dedicado ao Rei D. João III de Portugal.

Nos finais do séc. XVI a *vihuela* decai, ao mesmo tempo que se dá a ascensão de um outro instrumento, com forma idêntica, mas com cinco ordens de cordas (designada em Espanha por *guitarra espanhola*) e que continua a ser utilizada na Europa dos séculos XVII e XVIII, essencialmente e ainda ligada à música erudita.

Estes instrumentos de corda vão caindo em desuso junto das camadas sociais mais eruditas, e vão sendo apropriados, ainda que com algumas alterações e adaptações, pelas camadas populares. Foi o que aconteceu com a viola de arame que chegou aos nossos dias com pequenas alterações, mas mantendo o essencial da sua morfologia. A viola é largamente adotada e torna-se o instrumento musical popular mais utilizado para acompanhamento de danças populares e música profana, de caráter lúdico.

> A VIOLA DE MÃO EM PORTUGAL

Em Portugal, e segundo Manuel Morais no seu texto “A Viola de Mão em Portugal”, pelo menos desde meados do século XV a inícios do século XIX que o vocábulo “viola” é empregue como nome genérico de uma família de instrumentos de corda de mão e caixa em forma de oito. Deparamo-nos com alguma confusão, nomeadamente nos séculos XV e XVI, em que as palavras “violla” e “guitarra” aparecem escritos indistintamente como referência ao mesmo instrumento. No entanto sabemos hoje que designavam coisas distintas, sendo a guitarra descendente da família das cítaras (como a evolução do próprio vocábulo pode comprovar). Ainda segundo o mesmo autor, *“no nosso país, desde o século XV até aos inícios do XIX, o vocábulo viola é sobretudo usado para designar um cordofone de mão de caixa em forma de oito, tampo harmónico (...), fundo chato ou ligeiramente abaulado (feito em duas metades), ou em tiras (“costilhas”) de meia cana, boca (...) ornamentada com roseta rasa (...) ou funda (...), braço (ou “pescoço”) longo terminando por um cravelhal em pá com cravelhas dorsais, ou do tipo usado pelo alaúde ou pela guitarra (do séc. XV, em foice) com as cravelhas laterais, escala (...) rasa com o tampo e dividida cromaticamente por trastes móveis (de tripa) ou fixos (de madeira, marfim ou osso), cavalete fixo colado sobre o tampo harmónico. Este instrumento pode ser montado com quatro, cinco, seis ou sete ordens de cordas duplas (ou triplas no séc. XVIII), de tripa de carneiro ou de metal.”*

As referências mais antigas conhecidas sobre cordofones de mão em Portugal encontram-se em documentos do século XV, mais precisamente em 1442, 1459 e 1477, sendo que a referência de 1459, um documento (petição) apresentado nas cortes de Lisboa, refere já específica e isoladamente o termo “violla”, o que pressupõe a assunção do termo de forma genérica e consensual. Também na nossa obra literária do século XVI encontramos várias referências ao instrumento musical viola, como é o caso de Gil Vicente, com referências à viola em nove dos seus Autos, de Luís Vaz de Camões no Auto de Filodemo (1587) onde encontramos referência à viola acompanhando o canto e na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Outros testemunhos existem que atestam a importância e uma prática alargada da viola de mão em Portugal nos séculos XVI e XVII. Um outro documento fundamental para o conhecimento deste instrumento é o Regimento dos Violeiros Portugueses, de 1572, que estabelece e dá a conhecer as regras inerentes à arte da construção da viola de mão e outros cordofones e que regulamenta a atividade destes “oficiais mecânicos” – os violeiros, controlando a qualidade e verificando o fabrico destes instrumentos.

A mais antiga viola portuguesa que chegou até nós foi a construída em Lisboa por Belchior Dias, de uma família de "officiaes mecanicos", em 1581 (encontra-se no Royal College of London) e constitui o exemplo do nível de perfeição técnico atingido pelos violeiros portugueses quinhentistas, nível esse mantido até finais do séc. XVIII (como comprovam os três exemplares setecentistas também conhecidos da autoria de António dos Santos Vieira – 1780, de Pedro Ferreira Oliveira – 1790(?) e a última de autor desconhecido – cerca de 1800). A partir do séc. XIX e com a extinção da Casa dos Vinte e Quatro e dos respetivos grémios dos ofícios, assistimos a um decréscimo do nível de qualidade da construção.

Em 1626, Guiovanni Paolo Foscarini faz um levantamento dos diferentes tipos de violas em Portugal: normal, picola e mesona, o que comprova que no século XVII o tamanho das violas não estava standardizado, e que, seguramente, as afinações seriam diferentes consoante os tocadores, os tipos de música tocada e as regiões. Em 1770, surgem alterações na construção destes instrumentos, começando-se a acentuar o enfraque, ou seja a parte vincada da ilharga (como são exemplos as Violas Campaniça e a Beiroa). Estas alterações de construção aconteceram também a nível ornamental, tornando-se mais simples. Durante o século XIX voltam a usar-se motivos ornamentais mais complexos.

Quanto à viola de arame, as primeiras referências conhecidas em textos escritos datam de meados do século XIX, associada ao uso popular. Distinguem-se vários tipos de viola de arame em Portugal: braguesa, amarantina, toeira, beiroa (que nos ocupa no presente estudo), campaniça, madeirense e açoriana ou de dois corações. O exemplar mais antigo que chegou até nós, datado de 1876, foi construído pelo violeiro da cidade do Porto, José F. Sanhudo e representa, nas suas características principais, o modelo do que é entendido por viola de arame popular portuguesa.

Nas palavras de Michel'angelo Lambertini (figura importante no mundo da música dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX) *"A nossa viola (d'arame) porem, inspirada sem duvida na viola franceza e na viola hespanhola (que também divergem entre si) não é uma copia nem d'uma nem d'outra. O modelo é diferente, as cordas são outras, até o modo de tocar se não parece. O portuguez fez para o seu instrumento nacional, porque a viola d'arame é que é realmente o seu instrumento nacional, fez um typo especial que se não confunde com nenhum outro. Nascida no Minho (?) ou nascida nas Ilhas portuguezas, a viola d'arame está ligada a velhíssimas tradições e vem mencionada em remotas páginas d'história pátria. (...)"*

> A VIOLA BEIROA OU “BANDURRA”

Este Cordofone pertence à família das Violas de Arame tradicionais portuguesas. Também é chamada de Bandurra ou Viola de Castelo Branco sendo originária da região da Beira Baixa e aparece com maior predominância na zona raiana, na faixa leste do distrito de Castelo Branco. Tem cinco ordens de duas cordas de aço que podem ser pisadas ao longo da escala e que afinam no final do braço, na cabeça, como aliás é normal. Uma das diferenças em relação às suas congéneres do norte, sul e ilhas são duas cordas suplementares muito agudas - as requintas ou cantadeiras, que não podem ser pisadas sendo tocadas soltas só com a mão direita, que afinam numa cravelha lateral e que serviriam, sobretudo, para acompanhar o canto. Este instrumento foi desaparecendo da cena musical tradicional, sendo substituído por outros, nomeadamente a guitarra clássica e o acordeão, estando atualmente a ser feito um esforço no sentido da sua revitalização, quer no que concerne à construção, quer ao seu uso.





Ernesto Veiga de Oliveira diz, no seu livro "Instrumentos Musicais Tradicionais Portugueses" e a propósito da viola beiroa, que *"A bandurra beiroa parece ter sido um instrumento da região raiana, na faixa leste do distrito de Castelo Branco (...). O seu braço é semelhante ao das violas ocidentais; ela mede, de comprimento total (num dos exemplos registados), 82 cm, dos quais 21 correspondem à cabeça, 22 ao braço e 39 à caixa; da pestana ao cavalete vão 45 cm. A largura da caixa é de 20,7cm a meio do bojo superior, 12,3cm no enfranque – que, como se vê, é extremamente apertado –, e 26,7cm a meio do bojo inferior. A sua boca é sempre redonda e pequena – cerca de 6 cm de diâmetro –, rodeada de frisos circulares lineares. De todas as violas portuguesas é esta ao mesmo tempo a mais rústica e a que apresenta maior profusão de motivos ornamentais, com entalhes preenchidos com massa negra, de tipo igualmente fitomórfico, menos estilizados do que nas outras, recobrinho praticamente toda a metade inferior do tampo.(...) O cravelhal mostra dez cravelhas dorsais, que correspondem a outras tantas cordas, num encordoamento normal de cinco ordens de cordas duplas de arame, as três primeiras ordens – as "fundadeiras" (mais agudas), "segundas" e "terceiras" – de metal simples, afinadas em oitava. Assinalaremos que esta viola possui um traço peculiar, que a distingue de todas as demais violas portuguesas e que, entre nós, só ali encontramos: além do cravelhal normal existe um outro, situado no fundo do braço,(...) para duas cravelhas, também dorsais, a que correspondem duas cordas, igualmente de arame, simples, agudas e curtas – as requintas –, que não são trilhadas e se tocam sempre soltas, como na harpa."*

Na monografia de Castelo Branco de António Roxo (1890) é referido que em finais do século XVII, mais precisamente na procissão do Corpo de Deus de 1680, algumas corporações se faziam acompanhar de tocadores de viola que, não só tocavam, como acompanhavam danças: *"Manoel Gomes genro de João Bonito juiz dos sapateiros dará S. Crispim em sua charola com duas tochas e huma dança adiante e três moças com violas e castanhetas" ... "Antonio Martins Calrão juiz dos cadeiros dará hum guião com discante de três violas de bons tangedores"*. Muitos têm tentado ver aqui a primeira referência documentada à viola beiroa em terras de Castelo Branco, mas a falta de referências às especificidades da viola utilizada não nos permite aferir se já seria este instrumento a ser utilizado ou uma qualquer viola igual a tantas outras que se tocavam pelo país. No entanto, e como já atrás se disse, o termo "viola de arame" não está documentado senão a partir de 1870 quando Joaquim de Vasconcellos o refere no seu livro "Os muzicos portugueses" a propósito do violista e compositor José Dória. Diz-nos o autor que o músico tocava *"...Viola, denominada vulgarmente de Arame"* e que compôs para esse instrumento um vasto repertório. Mas nada acrescenta quanto às características e especificidades da viola de arame, o que só acontece no início do século XX com o trabalho de Michel'angelo Lambertini.

Entre 1870 e 1898 encontramos referências à viola d'arame na literatura portuguesa, o que prova que este instrumento já era conhecido e utilizado. Mas não nos é dada nota das características diferenciadoras deste instrumento nem de nomes específicos que os associassem a locais/regiões (beiroa, braguesa, amarantina, etc).

Assim sendo, não podemos confirmar a referência à remota utilização da viola beiroa associada a manifestações das comunidades de Castelo Branco. Podemos sim perceber (com recurso a fontes escritas e fotográficas) que no início do século XX, mais precisamente em 1919 como documenta a fotografia ao lado, o uso da viola beiroa associada às danças dos homens da Lousa (freguesia do concelho de Castelo Branco) era já uma realidade implantada, pelo que se deduz que a sua utilização viesse de tempos anteriores (provavelmente do séc. XVIII). Agora não é possível aferir concretamente a data em que a viola de arame utilizada nesta região ganhou os seus aspetos diferenciadores (enfranque muito acentuado, requintas), nem sequer os objetivos que essas diferenças procuravam atingir. O que é um facto é que este instrumento musical, seja há um século atrás, seja há dois, ficou vinculado à região de Castelo Branco e foi sobretudo utilizado como instrumento de acompanhamento de danças e música popular. Tal facto está bem presente no documento "Pedido de Inventariação Danças Tradicionais da Lousa no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial", objeto de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (Anúncio 6/2015, D.R. , 2ª série, n.º4, 7 de janeiro) em que é descrita e caracterizada pormenorizadamente cada uma das danças da Lousa (freguesia do concelho de Castelo Branco), inseridas nas festas de Maio em honra da Senhora dos Altos Céus, e em que se refere que, para além do papel dos dançarinos em cada uma das danças, *"destaca-se o papel dos tocadores que, no caso da dança dos Homens, coincide com os seis dançarinos uma vez que estes dançam e tocam em simultâneo. Dos seis dançarinos/tocadores, cinco tocam viola beiroa e um deles toca a genebres"*.

Jaime Lopes Dias na sua Etnografia da Beira (2ª edição de 1944) refere-se à bandurra como o instrumento que acompanha a dança das Genébres da Lousa e diz que *"As bandurras, que noutro tempo se vendiam na romaria da Senhora da Póvoa, são uma espécie de violas de cordas de arame, já hoje raras"*, o que nos remete para a relativa pouca representatividade do instrumento já em meados do século XX.

Também Manuel Lopes Marcelo no seu Guia "Beira Baixa" faz a descrição e caracterização dos instrumentos mais representativos da região, fazendo referência à viola beiroa ou bandurra: *"trata-se de uma viola popular portuguesa de cinco ordens de cordas de arame"* e que era utilizada para acompanhamento de *"descantes festivos, aos domingos, nas tabernas e, sobretudo, nos parabéns e serenatas aos noivos, nas vésperas e na noite da boda. Atualmente, quase desapareceu e apenas pode ser encontrada em ocasiões cerimoniais, destacando-se a sua aplicação na dança dos homens, na Lousa, bem perto de Castelo Branco"*. No entanto, esta utilização específica na Lousa e como bem explica Ernesto Veiga de Oliveira, é especial e menos característica, com encordoamento e afinação diferentes do habitual, sem utilização das requintas, limitando-se a tocar dois acordes que sublinham o ritmo da dança produzido pelas genebres.



Lousa, Maio de 1919



DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO

Documentada desde o século XV em Lisboa e desde o século XVII no norte do país, a indústria manufatureira de cordofones alterou-se ao longo dos tempos, extinguindo-se em alguns locais e implantando-se noutros, encontrando-se hoje dispersa por um território mais abrangente.

No decorrer do presente estudo, foram identificados construtores de violas Beiroas em Braga, Porto, Coimbra, Lisboa... Sabemos também que existem alguns (e bons) construtores de cordofones noutras regiões do país (continente e ilhas), perfeitamente aptos tecnicamente para a construção de violas beiroas, assim como outros instrumentos de cordas vinculados a outros territórios e práticas musicais. Inclusive, não encontramos registos de construtores na região de Castelo Branco: a informação veiculada mais frequentemente é que as violas beiroas tocadas na região eram compradas em feiras locais (Senhora da Póvoa e Senhora do Almurtão).

Assim, achamos que delimitar ao distrito de Castelo Branco a área geográfica de produção deste instrumento musical popular é redutor, não atende a realidade atual e histórica da produção e será prejudicial à expansão e desenvolvimento que se pretende para estes ofícios tradicionais de grande interesse cultural. O diminuto número de oficinas e a especialização dos construtores de cordofones (capazes de construir todo o tipo de violas, cavaquinhos e guitarras) faz com que seja pertinente propor aqui que a área geográfica de produção abarque todo o país, sendo que as violas beiroas certificadas terão que cumprir o estabelecido neste caderno de especificações, independentemente do local do país onde sejam construídas.

Desta forma e como atrás foi referido, propõe-se que a denominação a constar da IG - Indicação Geográfica a aprovar seja "Viola beiroa – Portugal", abarcando assim todo o território nacional.



4 >

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS MATÉRIAS-PRIMAS E RESPECTIVOS MODOS DE PRODUÇÃO (TECNOLOGIAS ARTESANAIS TRADICIONAIS)

A viola portuguesa, nas suas variantes regionais, descende, como já atrás foi referido, do parente popular da *vihuela* e era tocada por todo o país. Nos dias de hoje subsiste apenas (e em alguns casos raramente) no Minho e Douro Litoral (viola Braguesa e Amarantina), na Beira Litoral (viola Toeira), na Beira Baixa (viola Beiroa que aqui nos ocupa no presente estudo), no Alentejo (viola Campaniça) na Madeira e nos Açores.

Trata-se de um instrumento musical popular que integra a categoria dos cordofones (segundo a classificação de C. Sachs e Hornbostel de 1914), isto é, instrumentos cujo elemento vibratório é constituído por uma ou mais cordas esticadas a partir das quais se produz o som. Quer isto dizer que nos cordofones a fonte primária de som é a vibração de uma corda tensionada. As suas cordas são presas a um braço e o comprimento relativo das cordas varia consoante a colocação dos dedos de uma das mãos. Para que a corda vibre, há três métodos principais: beliscado, friccionado (com arco) ou percutido.

A viola beiroa, também conhecida por bandurra, é uma viola de arame com cinco ordens de duas cordas de aço que podem ser pisadas ao longo da escala e que afinam no final do braço, na cabeça. Tem um enfranque muito acentuado. Uma das diferenças em relação às suas congéneres do norte, sul e ilhas são duas cordas suplementares muito agudas - as requintas ou cantadeiras -, que não podem ser pisadas sendo tocadas soltas só com a mão direita, que afinam numa cravelha lateral e que serviriam, sobretudo, para acompanhar o canto. Toca-se rasgueada e/ou dedilhada e as requintas, quando tocadas e o acorde o permite, são-no com o polegar.

AS MATÉRIAS-PRIMAS E MATERIAIS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA VIOLA BEIROA SÃO:

- **MADEIRAS**
 - Ilhargas e fundos: Nogueira Portuguesa ou da Austrália e Pau-santo da Índia.
 - Braço: Mogno, cerejeira ou amieiro
 - Tampo Harmónico: Pinho ou Abeto
- **MATERIAIS**
 - Cola
 - Osso (canela de vaca)
 - Cordas de arame
 - Goma laca ou Verniz

Da esquerda para a direita: Ébano para a escala, Mogno para o braço, Abeto para barra harmónicas e tampo, Nogueira portuguesa, Pau-santo da Índia para ilhargas e fundos e osso (canela de vaca).



Goma Laca em Flocos e processada para o envornizamento.



> DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DA VIOLA BEIROA

A construção dos cordofones exige uma técnica muito mais apurada do que a dos outros instrumentos populares, pois implica a ponderação de muitos fatores: a qualidade das madeiras consoante as diversas partes do instrumento, o tamanho da caixa-de-ressonância e o comprimento do braço, a distância entre o cavalete e a pestana, a grossura e o comprimento das cordas, o cravelhame, a distância entre os trastos, a colocação das ilhargas, a colagem das várias partes do instrumento, o tratamento e envernizamento das madeiras e as questões ligadas à afinação e obtenção de boa sonoridade. A opção por um trabalho de construção essencialmente manual é determinante para a qualidade e personalização de cada instrumento. Embora a utilização de algumas máquinas permita que o tempo de construção e o esforço do construtor/violeiro diminuam, no essencial, as etapas de construção são lentas e cuidadosas para que se possa sentir e analisar a forma como o material vai respondendo.

Na construção de uma viola beiroa, a matéria-prima mais importante é a madeira. As madeiras são selecionadas criteriosamente: a forma como as peças foram cortadas da árvore, o nível de secagem, a disposição dos veios e a textura da madeira são elementos a ter em conta. A cola utilizada depende da opção de colagem a frio ou a quente: na colagem a frio utiliza-se cola branca e na colagem a quente utiliza-se grude. A colagem a quente é um processo mais lento e mais exigente. Para envernizar a Viola Beiroa e desta forma embelezá-la e dar-lhe proteção, utiliza-se a Goma Laca aplicada com uma "Boneca de Pano" - um processo ancestral. Os pentes são feitos do osso da canela de vaca, e os afinadores são selecionados a partir de uma oferta vasta que existe no mercado.

As ferramentas utilizadas são variadas: serrotes e serras de recorte, plainas, formões, lixas, grampos, compassos de corte, boneca de pano para envernizamento e três máquinas - berbequim, ferro de dobrar ilhargas e lixadora elétrica.



A construção de instrumentos musicais populares é feita tradicionalmente com base no conhecimento prático e experiência acumulados pelos construtores ao longo dos tempos e transmitidos, regra geral, dentro da família às gerações seguintes. Este legado é da maior importância para uma aprendizagem do ofício e para o seu desenvolvimento. No entanto, e como já atrás foi referido, não há notícia de violeiros na região de Castelo Branco: os instrumentos apareciam à venda nas romarias raianas (Senhora da Póvoa e Senhora do Almutão) e eram aí comprados. Daí que estejam em curso uma série de iniciativas que visam suprir esta lacuna e formar violeiros e executantes de Viola Beiroa.

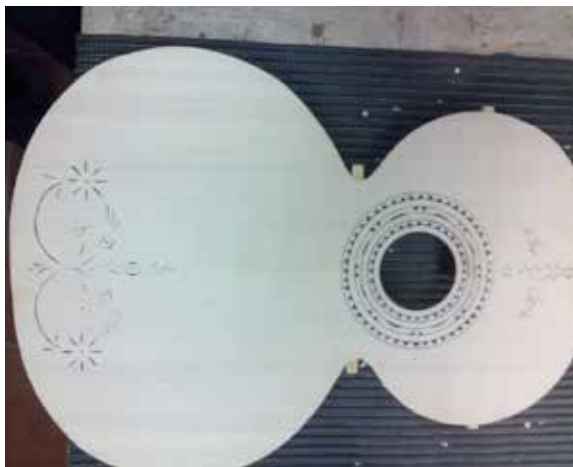
Conscientes da necessidade de revitalização deste ofício e do saber-fazer a ele associado, há atualmente algumas ações a decorrer que visam a formação de violeiros/construtores e executantes, bem como a recolha e composição de repertórios para o instrumento. Existe uma oficina de construção especializada em Violas Beiroas, em Castelo Branco, da responsabilidade da Associação Cultural Viola Beiroa, que fez recolhas das violas mais antigas que chegaram até nós, recuperou as suas medidas iniciais e o saber-fazer associado à sua construção e criou a Orquestra Viola Beiroa. Esta Associação é também responsável, em colaboração com a Câmara Municipal de Castelo Branco, por um programa de sensibilização para a aprendizagem da Viola Beiroa junto de estabelecimentos de ensino. Também em Idanha-a-Nova decorreu recentemente um curso de construção de violas beiroas, consequência do 1º curso decorrido na Associação de Castelo Branco, cujo objetivo principal visou dar a conhecer as técnicas de construção da viola beiroa e contribuir para a revitalização da história musical do instrumento. Foram ainda detetados três construtores de cordofones em Braga que fazem violas beiroas mediante encomenda (e sabemos que muitos outros haverá, espalhados pelo país, nomeadamente em Coimbra, Lisboa, Felgueiras, entre outros).

Estas iniciativas denotam a recuperação do interesse pelo instrumento tradicional, quer por parte de entidades locais, quer por parte da própria comunidade que adere e se envolve, cada vez mais, em projetos e ações que visam a revitalização das tradições locais.

Seguidamente, com o auxílio de fotografias, apresentam-se as etapas de construção.

1 - Recorte do tampo

2 - Decoração da boca com técnica tradicional de massa, elementos fitomoráficos do tampo



3 - Preparação do braço, recorte do cravelhal das requintas



4 - União do braço ao tampo



5 - Dobragem de ilhargas



6 - Colagem das ilhargas preparação do taco



7 - Preparação dos fundos



8 - Colagem dos fundos



9 - Colagem das sanefas



10 - Preparação do braço



11 - Envernizamento e montagem das cordas







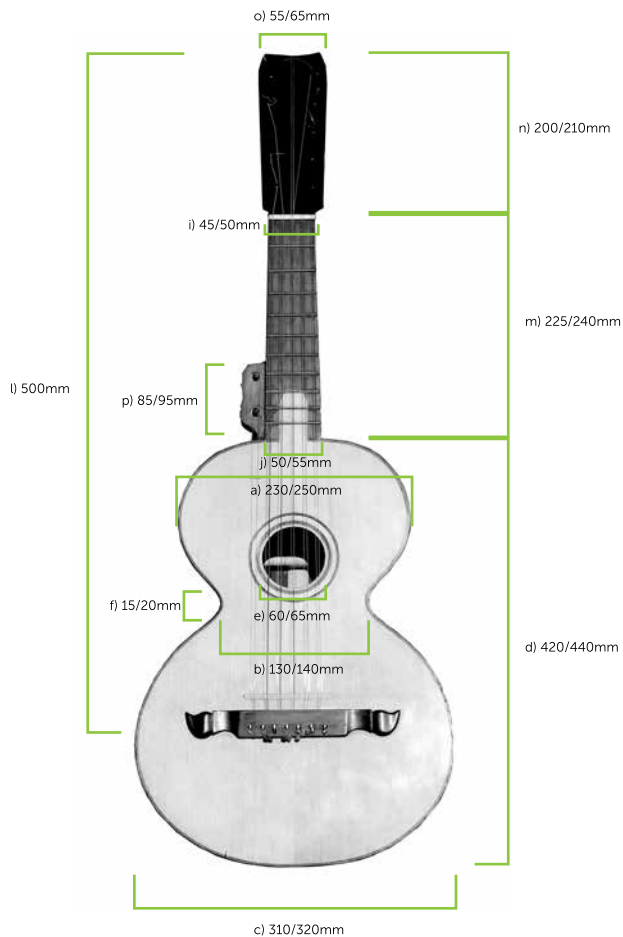


5



CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO "VIOLA BEIROA - PORTUGAL"

- MEDIDAS





As medidas apresentam um intervalo que permite satisfazer as opções dos construtores sem desvirtuar as características técnicas, acústicas e estéticas deste instrumento tradicional:

- a) Bojo Superior entre 230 mm e 250 mm
- b) Enfranque entre 130 mm e 140 mm
- c) Bojo Inferior entre 310 mm e 320 mm
- d) Comprimento do tampo entre 420 mm e 440 mm
- e) Diâmetro da boca entre 60 mm e 65 mm
- f) Diâmetro da circunferência da curvatura mais acentuada da ilharga, no enfranque entre 15 mm a 20 mm.
- g) Altura da ilharga no bojo superior entre 75 mm e 85 mm
- h) Altura da ilharga no bojo inferior entre 95 mm e 100 mm
- i) Largura da escala na pestana entre 45 mm e 50 mm
- j) Largura da escala no 12º ponto entre 50 mm e 55 mm
- l) Comprimento de corda 500 mm
- m) Comprimento do braço entre 225 mm e 240 mm
- n) Comprimento da cabeça entre 200 mm e 210 mm
- o) Largura do topo da cabeça entre 55 mm e 65 mm
- p) Cravelhal das Requintas entre 85 mm e 95 mm

Nota: A única medida exata é a do comprimento de corda (tiro de corda) pois foi verificada em todos os exemplares de Violas Beiroas estudadas – 500 mm. Esta medida é também confirmada pelo etnomusicólogo Ernesto Veiga de Oliveira.

• AFINAÇÃO



A primeira afinação conhecida da Viola Beiroa é ré, si, sol, ré, lá, ré e não permitia fazer melodias acompanhadas. A sua forma de execução era semelhante à da Guitarra Portuguesa na mão direita, tal como o Manuel Moreira a tocava (tocador de Penha Garcia dos anos 60 do século XX, estudado e divulgado por Michel Giacometti).

A afinação atual da Viola Beiroa (definida por Alísio Saraiva, autodidata executante de música tradicional da região da Beira Baixa), pretende criar uma nova escala de afinação com vista a melhorar a sonoridade do instrumento bem como a potenciar todas as suas características musicais. Esta afinação tem por base a da Guitarra Portuguesa de Lisboa, ou seja, as primeiras quatro ordens da Viola Beiroa estão exatamente uma quinta abaixo da Guitarra Portuguesa de Lisboa, sendo que a quinta ordem é uma segunda maior acima e as requintas são a mesma nota que a sexta ordem da Guitarra, mas numa oitava diferente. Percebe-se aqui que os tocadores definem as afinações segundo os seus conhecimentos de outros instrumentos. A afinação atual da Viola Beiroa é mi, ré, lá, mi, si, ré e a da Guitarra Portuguesa si, lá, mi, si, lá, ré. Atualmente, devido à revitalização do instrumento pelo músico Miguel Carvalhinho, a sua forma de execução permite fazer melodias acompanhadas, e ser também um instrumento solista. A técnica usada é a da Guitarra Clássica, tanto para acompanhar como para fazer solos. O repertório são temas populares "arranjados" e também composições já realizadas especificamente para este instrumento.

No entanto, como a afinação não influencia propriamente as características formais, técnicas e estéticas da arte de construir o instrumento, mas sim a sua sonoridade e forma de ser tocado, não nos iremos debruçar mais detalhadamente sobre esta questão, competindo ao tocador (e não ao construtor) utilizar a afinação que mais se adequa à específica sonoridade da viola Beiroa e aos trechos musicais interpretados.



6



CONDIÇÕES DE INOVAÇÃO DO PRODUTO E NO MODO DE PRODUÇÃO QUE, ABRINDO ESSA POSSIBILIDADE, GARANTAM A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE DO PRODUTO

Algumas transformações a nível das técnicas de construção das violas de arame portuguesas (maior amplitude das caixas-de-ressonância, aperfeiçoamento dos braços, substituição das cravelhas pelo carrilhão, introdução de cavaletes de apoio, entre outras) foram-se operando ao longo dos tempos, no sentido de melhorar a performance dos instrumentos, aumentar as suas potencialidades e a sua qualidade sonora e adaptá-los da melhor forma aos repertórios tocados.

A Viola Beiroa não constitui exceção e foi sofrendo alterações ao longo dos tempos de forma a adaptar-se às inovações técnicas que foram surgindo, bem como às exigências da própria música tradicional beirã e dos músicos que a tocam.

Esta abertura à inovação, desde que direcionada para a melhoria da qualidade sonora do instrumento sem comprometer o seu carácter artesanal e as suas características específicas (que diferenciam a Viola Beiroa de outras violas de arame existentes no nosso país, quer a nível de sonoridade, quer a nível de características técnicas e formais da sua construção), é perfeitamente aceitável e até recomendada, pois que se entende tratar-se de uma evolução do instrumento musical.

No entanto, as características diferenciadoras da Viola Beiroa não podem ser negligenciadas, uma vez que são estes aspetos que tornam o instrumento único e vinculado ao seu território de origem/difusão. Por exemplo, algumas alterações estéticas foram ocorrendo, por influência e contágio de construtores de outras tipologias de violas de arame, nomeadamente nos elementos decorativos, nas curvaturas das volutas e dos arcos, na forma de remate dos "bigodes". Essas modificações, se bem que não comprometam a qualidade técnica do instrumento nem a sua sonoridade, deverão ser acauteladas uma vez que podem descaracterizar formalmente o instrumento, tornando idêntico a outros de outras regiões e desvinculando-o, assim, da sua região de origem/difusão.

Inovar nos aspetos técnicos sim, no sentido da obtenção de melhores resultados a nível da performance do instrumento; mas sem comprometer as características específicas e diferenciadoras da viola beiroa e a sua sonoridade típica, nem sem descurar as suas especificidades formais.

BIBLIOGRAFIA >

- *As Idades do Som*, 2006, IEFP, Lisboa.
- Borba, Tomás e Graça, Fernando Lopes - *Dicionário de Música*, 1996, Vol. II, Ed. Mário Figueirinha, Lisboa.
- Carvalhinho, M., Morais, D. e Saraiva, A. - *Viola Beiroa - Método*, 2014, Inatel, Castelo Branco.
- Costa, Isabel Leal da - *As Danças Tradicionais da Lousa*, 2011, RVJ Editores, Castelo Branco.
- Cunha, Carlos César - *Violas Populares Portuguesas*, 1998, Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo, Porto.
- Dias, Jaime Lopes - *Etnografia da Beira. Lendas, costumes, crenças e superstições*, 1944 (2ª edição), Vol. I, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa.
- Gonçalves, Augusto de Oliveira - *As violas portuguesas*, 1993, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Viana do Castelo.
- Henrique, Luís - *Instrumentos Musicais*, 1999, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Lambertini, Michel'Angelo - *Industria Instrumental Portuguesa*, 1914, Typ. Anuario Commercial, Lisboa.
- Marcelo, Manuel Lopes - *Beira Baixa*, 1993, Novos Guias de Portugal, N.º 10, Editorial Presença, Lisboa.
- Lúcio, José - *Cordofones portugueses*, 2000, Areal Editores, Porto.
- Martins, Bernardino Morais - *Evolução, construção e características de instrumentos musicais populares - abordagem antropológica, s/d*, Escola Superior de Educação - Instituto de Estudos Superiores de Fafe.
- Morais, Manuel - *A viola de mão em Portugal*, 2006, XXII Revista Aragonesa de Musicologia.
- Oliveira, Ernesto Veiga de - *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, 1964 (1ª edição), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Perdigão, Teresa e Calvet, Nuno - *Tesouros do Artesanato Português - Madeiras*, 2000, Ed. Verbo, Lisboa.
- Ramos, Graça - *Caderno de especificações da Viola Braguesa* - Portugal, 2016, Câmara Municipal de Braga, Braga.
- Roxo, António - *Monografia de Castelo Branco*, 1890 (1ª edição).

